

Dois comentários sobre a poesia de Sérgio Blank

Two Comments About Sérgio Blank's Poetry

Lacy Ribeiro*

A "TABELA PERIÓDICA" DE SÉRGIO BLANK¹
Sérgio Blank, 28 anos, lançou, no último dia 3, seu 5º livro, consagrando-se, definitivamente, como excelente escritor capixaba, cujo texto, do infantil ao adulto, destaca-o entre nossos escritores, porque filosófico, satírico, contendo ironia sofisticada num estilo estilhaçado, buscando o ritmo da modernidade e, principalmente, neste último livro, aproximando-se do universo afetivo, com dor.

Abstrato, Sérgio Blank é transparente, saboroso de ler, porque se expõe às trapaças e tropeços do amor. Brincando com o infortúnio, com a infelicidade, com

* Advogada e escritora (1948-2013), autora de *Contos de réis* (contos, 1986); *Avenida República: diário na madrugada* (crônicas, 1987); *Rocks e baladas de Marcos Furtado* (romance, 1991), e *Contos bastardos* (contos, 1991).

¹ RIBEIRO, Lacy. A "tabela periódica" de Sérgio Blank. *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 4, 7 fev. 1993.

a solidão, Sérgio se aproxima de nós, solidariza-se conosco, abraça-nos, nos diz “vem”.

Porque o amor lhe foge, ele se resigna. E, se o amor lhe vem, ele brinca, pressentindo mais uma trapaça. E tudo num estilo só seu, onde expõe sua fé em frangalhos, sua cética esperança no que virá *day-after*.

Porque Sérgio é poeta consciente da dor. Da nossa dor. Da solidão que vem da falta de amor. Seus poemas brincalhões, mas de uma seriedade absoluta, são patéticos, proféticos e cruéis. Nascidos, obviamente, das insanidades do amor. Ou da falta de amor.



Fac-símile do comentário de Lacy Ribeiro, de 1993.

POEMAS, VÍRGULA, SÉRGIO BLANK²

O mais recente livro de poemas de Sérgio Blank tem que ser lido com o espírito preparado para, além de sofrermos com a nossa identificação com a sua solidão, nos deleitarmos com sua excelente arte de tecer poesia e de ser poeta. E muito mais gratificados ficarmos com a apresentação de Paulo Roberto Sodré e o prefácio magnífico de Reinaldo Santos Neves – peça das mais maestralmente esculpidas em se tratando de prefácio. O livro é todo um precioso presente que se nos oferece nesses últimos tempos mofados e tristes. O prefácio de Reinaldo Santos Neves é uma oferenda do Olimpo e a apresentação de Paulo Roberto Sodré é um licor de pétalas de rosas. E os poemas de Sérgio Blank são pérolas ligadas com fio de ouro, e que, como uma delicada e rica corrente, enlaça-nos, ora fazendo cócegas, ora causando frio, ora nos apertando, machucando, fazendo doer. Porque, nós, os solitários, identificamo-nos com tudo que Sérgio escreve, tecendo, com lágrimas e sorrisos, com deboche de sua própria condição de sentenciado sem esperança, sem bengala, sem condutor, sem avistar nem sequer um lampião no meio da névoa absoluta... E nós vamos percebendo que “enquanto a noite cair ao tropeçar nos degraus da nossa casa”, que enquanto tivermos “veias bastardas”, que enquanto “o tempo for avaro”, não sentaremos à mesa dos escolhidos e jamais nos fartaremos do banquete, embora tenhamos tanta fome. Amylton de Almeida, um dia, perguntou: “Quem tem medo de Sérgio Blank?”. E ele mesmo respondeu: “Eu tenho, porque sua poesia me dá calafrios... parece uma sentença de morte!”.

Um aviso para os sentenciados desavisados: podemos estar nas entrelinhas dos poemas, ou em um poema inteiro, ou em um único verso ou palavra, ou até mesmo em uma das suas raras vírgulas. Enfim, o livro *Vírgula*, de Sérgio Blank, carece de chegar às mãos de todos, solitários ou não, porque: com a apresentação de Paulo Roberto Sodré, com o prefácio de Reinaldo Santos Neves

² Idem. Poemas, vírgula, Sérgio Blank. *A Gazeta*, Caderno 2, Vitória, p. 4, 7 jul. 1996.

e os poemas de Sérgio Blank, forma um tridente que nos desperta do sono perigoso da mediocridade.

O que você está lendo?

Poemas, vírgula, Sérgio Blank

Foto de Zanete Dadalto

Lacy Ribeiro

O mais recente livro de poemas de Sérgio Blank (foto) tem que ser lido com o espírito preparado para, além de sofrermos com a nossa identificação com a sua solidão, nos deleitarmos com sua excelente arte de tecer poesia e de ser poeta. E muito mais gratificados ficamos com a apresentação de Paulo Roberto Sodré e o prefácio magnífico de Reinaldo Santos Neves – peça das mais maestralmente esculpidas em se tratando de prefácio. O livro é todo um precioso presente que se nos oferece nesses últimos tempos mofados e tristes. O prefácio de Reinaldo Santos Neves é um r. oferenda do Olimpo e a apresentação de Paulo Roberto Sodré é um licor de pétalas de rosas. E os poemas de Sérgio Blank são pérolas ligadas com fio de ouro, e que, como uma delicada e rica corrente, enlaça-nos, ora fazendo cócegas, ora causando frio, ora nos apertando, machucando, fazendo doer. Porque, nós, os solitários, identificamo-nos com tudo que Sérgio escreve, tecendo, com rimas e sorrisos, com deboche de

sua própria condição de sentenciado sem esperança, sem bengala, sem condutor, sem avistar nem sequer um lampião no meio da névoa absoluta... E nós vamos percebendo que “enquanto a noite cair ao tropeçar nos degraus da nossa casa”, que enquanto tivermos “veias bastardas”, que enquanto “o tempo for ávaro”, não sentaremos à mesa dos escolhidos e jamais nos fartaremos do banquete, embora tenhamos tanta fome. Amilton de Almeida, um dia, perguntou: “Quem tem medo de Sérgio Blank?” E ele mesmo respondeu: “Eu tenho, porque sua poesia me dá calafrios... parece uma sentença de morte!”

Um aviso para os sentenciados desavisados: podemos estar nas entrelinhas dos poemas, ou em um poema inteiro, ou em um único verso ou palavra, ou até mesmo em uma das suas raras vírgulas. Enfim, o livro *Vírgula*, de Sérgio Blank, carece de chegar às mãos de todos, solitários ou não, porque: com a “apresentação de Paulo Roberto Sodré, com o prefácio de Reinaldo Santos Neves e os poemas de Sérgio Blank, forma um tridente que nos desperta do sono perigoso da mediocridade.

■ A autora é escritora e advogada



■ **Observação:** Este espaço está reservado a colaborações voluntárias (limite de 30 linhas), com opiniões sobre Livros e identificação do autor. O material recebido será avaliado pelo Caderno Dois.

*A Gazeta, Caderno 2, 7/7/96
p. 4*

Fac-símile do comentário de Lacy Ribeiro, de 1996.